

Desenvolvimento de pronomes clíticos em produções escritas iniciais

Vasiliki Vraka¹, Maria Lobo², Joana Batalha²

¹NOVA-FCSH

²NOVA-FCSH / CLUNL

Resumo

Este trabalho investiga o desenvolvimento na produção de pronomes clíticos nas fases iniciais da escrita de crianças do primeiro ciclo. A partir de um corpus de 272 textos narrativos produzidos por 136 crianças no início do 2.º ano de escolaridade e no início do 3.º ano de escolaridade, com base numa tarefa de escrita que integra o instrumento de diagnóstico do Projeto de Intervenção Preventiva para a Aprendizagem da Leitura e da Escrita (PIPALÉ), compara-se a produção de clíticos em cada um dos momentos. Conclui-se que há desenvolvimento da produção de clíticos entre os dois momentos, podendo a presença de clíticos, a sua distribuição e função, nas produções das crianças ser tomada como um indicador de desenvolvimento nas competências de escrita compositiva.

Palavras-chave: pronomes clíticos, escrita, português europeu, primeiro ciclo.

Abstract

This study investigates the development, in production, of clitic pronouns in the initial phases of writing by primary school children. Based on a corpus of 272 narrative texts produced by 136 children at the beginning of second grade and at the beginning of third grade, as part of a writing task which integrates the diagnostic instrument of the Preventive Intervention Project for Learning to Read and Write (PIPALÉ), the written production of clitics in each moment is compared. We conclude that there is development in clitic production between these two moments. The presence of clitics in the children's written productions, as well as its distribution and function, can, thus, be taken as a developmental marker of competencies of writing composition.

Keywords: clitic pronouns, writing, European Portuguese, primary school.

1. Introdução

Neste estudo, investigamos o desenvolvimento da produção de clíticos nas fases iniciais da escrita de crianças de primeiro ciclo.¹ Como tem sido investigado noutros trabalhos (Costa, 2010; Costa et al., 2017; Lobo et al., 2022), interessa-nos investigar em que medida as produções escritas das crianças refletem etapas características do desenvolvimento oral, especificamente quanto à produção de clíticos e aos padrões de colocação de clíticos. Será importante perceber: i) se há conformidade à gramática-alvo relativamente a este fenómeno sintático nas produções escritas das crianças; ii) caso não haja produção de clítico, que estratégias são usadas; iii) se há desenvolvimento no decorrer dos primeiros anos de escolaridade. Através de um estudo longitudinal que contempla textos produzidos por um grupo de crianças com um intervalo de cerca de um ano,

¹ Este trabalho resulta da dissertação de mestrado da primeira autora, Vasiliki Vraka (Vraka, 2022), realizada sob orientação de Maria Lobo e Joana Batalha. O artigo foi escrito conjuntamente pelas três autoras. Este trabalho foi parcialmente financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/LIN/03213/2020 e UIDP/LIN/03213/2020 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).



procuramos determinar: i) se existe desenvolvimento na produção de clíticos entre os dois momentos, quer ao nível da quantidade e diversidade de clíticos produzidos, quer ao nível dos padrões de colocação de clíticos; e ii) se os padrões de desenvolvimento dos clíticos na escrita refletem padrões de desenvolvimento que se encontram também na oralidade.

Na Secção 1.1., revemos alguns dos estudos que investigaram o desenvolvimento de clíticos na aquisição do português e, na Secção 1.2., referimos trabalhos que se debruçaram sobre o desenvolvimento da escrita compositiva, e, em particular, sobre o desenvolvimento sintático na escrita. Na Secção 2.1., apresentamos a metodologia seguida no nosso estudo e, na Secção 2.2., os resultados obtidos. Na Secção 3, discutimos os resultados e apresentamos as principais conclusões do nosso trabalho.

1.1. Desenvolvimento de clíticos na linguagem oral

Os estudos sobre a aquisição da linguagem oral do português europeu têm mostrado que existe desenvolvimento quer ao nível da produção de clíticos (Costa & Lobo, 2006, 2007; Silva, 2008), quer ao nível dos padrões de colocação de clíticos (Costa et al., 2015; Vitorino & Lobo, 2018).

Os dados de produção espontânea mostram que as crianças produzem clíticos desde cedo, ainda que com uma fraca produtividade, sendo os clíticos menos especificados - *se* e *me* - os mais frequentes (Santos et al., 2014). Comparativamente com outras línguas, as crianças falantes do português europeu têm um desenvolvimento dos clíticos mais lento, omitindo clíticos em taxas mais elevadas e até idades mais tardias (Varlokosta et al., 2016). As taxas elevadas de omissão têm sido explicadas como sendo o resultado de uma generalização da construção de objeto nulo, possível no português europeu em determinados contextos sintáticos em que o objeto nulo é recuperável do contexto linguístico ou situacional. A hipótese de que a omissão de clíticos na aquisição do português corresponde a uma generalização da construção de objeto nulo é suportada por evidência de estudos de compreensão que mostram que as crianças aceitam leituras transitivas para construções com verbos sem complemento realizado (Costa & Lobo, 2008). A investigação também tem mostrado que as crianças têm taxas de omissão variáveis consoante o tipo de clítico (Silva, 2008): os clíticos reflexos estão entre os clíticos que têm menores taxas de omissão e os clíticos acusativos de terceira pessoa não reflexos estão entre aqueles que apresentam taxas mais elevadas de omissão. A omissão é tanto maior quanto mais facilmente o clítico é omitido na gramática adulta.

Também no que diz respeito à colocação de clíticos existe um desenvolvimento mais lento no português comparativamente com outras línguas. Enquanto na maioria das línguas os clíticos são colocados de acordo com a gramática-alvo desde muito cedo (Guasti, 1993), no português isso não acontece (Costa et al., 2015; Duarte et al., 1995). Em português europeu, ao contrário de outras línguas, os clíticos podem ocorrer em posição pós-verbal (ênclise), em posição pré-verbal (próclise) ou no meio do verbo (mesóclise) em função de fatores que não dependem da finitude da oração (Martins, 2013), como ilustrado em (1):

- (1a) O avô barbeou-**se**. (ênclise)
- (1b) O avô não **se** barbeou. (próclise)
- (1c) O avô barbear-**se**-á. (mesóclise)

Costa et al. (2015) mostram que o desenvolvimento da colocação de clíticos é progressivo e é sensível à especificidade dos contextos sintáticos: o contexto em que a próclise é adquirida mais cedo é o contexto de negação, podendo estabelecer-se a seguinte escala de desenvolvimento a partir dos contextos considerados pelos autores:

- (2) negação > sujeitos negativos / completivas finitas com conjuntivo > advérbio 'já' > orações adverbiais com 'porque' > sujeitos quantificados com 'todos'



Assim, o desenvolvimento mais lento da colocação de clíticos no português europeu é atribuível ao facto de a variação entre ênclise e próclise estar dependente de uma multiplicidade de fatores, requerendo desenvolvimento sintático e lexical.

O português também se distingue de outras línguas por permitir que, em determinadas estruturas com complexos verbais, um clítico selecionado por um verbo de uma estrutura não finita encaixada ocorra adjacente a um verbo finito de um domínio superior, fenómeno conhecido como “subida de clítico”, ilustrado em (3b) (Gonçalves, 2002; Martins, 2013):

- (3a) O avô vai barbear-**se**.
(3b) O avô vai-**se** barbear.

A subida de clítico é obrigatória quando a forma verbal não finita é um participípio (4), facultativa com alguns verbos (semi)auxiliares que selecionam o infinitivo e com alguns verbos de controlo (5) e geralmente rejeitada com outros verbos que selecionam infinitivo (6), ainda que se encontre alguma variação entre os falantes quanto à aceitabilidade da subida:

- (4a) *Foi dado-lhe um prémio.
(4b) Foi-lhe dado um prémio.
(5a) O Presidente quer dar-lhe um prémio.
(5b) O Presidente quer-lhe dar um prémio.
(6a) O Presidente decidiu dar-lhe um prémio.
(6b) *O Presidente decidiu-lhe dar um prémio.

Estudos anteriores sobre o desenvolvimento da subida de clítico na aquisição do português europeu (Lobo & Vitorino, 2021; Vitorino, 2017) mostraram que as crianças produzem desde muito cedo construções com subida de clítico, mas que há desenvolvimento, que se prolonga até idade escolar, dos contextos em que a subida de clítico é possível. Em geral, em tarefas de produção induzida, as crianças produzem mais facilmente do que os adultos construções com subida de clítico, havendo, contudo, sensibilidade ao tipo de verbo e à presença de proclisadores.

1.2. Desenvolvimento sintático na escrita

Vários estudos têm procurado compreender até que ponto o desenvolvimento da linguagem escrita reflete o desenvolvimento da linguagem oral. A investigação tem mostrado que, nas fases iniciais da escrita compositiva, aproximadamente por volta do 3.º ano de escolaridade (Barbeiro & Pereira, 2007; Martins & Niza, 1998), as produções escritas das crianças revelam, em geral, uma complexidade sintática menor do que a que se encontra nas suas produções orais, o que é explicável pelo facto de a criança ainda não ter automatizado os processos mais básicos relativos às dimensões gráfica e ortográfica (Pinto et al., 2015).

No entanto, a relação entre oralidade e escrita pode não ser linear. Por um lado, quando as crianças começam a dominar padrões de escrita compositiva, podem não possuir ainda um conjunto suficientemente amplificado de estruturas sintáticas necessário para enfrentar os desafios que a escola coloca relativamente ao uso da linguagem escrita. Por outro lado, e embora se considere que o desenvolvimento da escrita dependerá, em larga medida, da estabilização do conhecimento linguístico da criança, vários autores (Costa et al., 2017; Pereira & Azevedo, 2005) têm notado que o conhecimento implícito de uma dada estrutura e o conhecimento linguístico consciente que dela se possui podem não ser sempre entendidos como uma condição prévia para o desenvolvimento da escrita, já que algumas estruturas menos frequentes e mais complexas surgem precisamente em géneros discursivos requeridos pela escolarização.



Ainda assim, do que sabemos, nomeadamente a partir de trabalhos que têm investigado processos de articulação de frases, a sequência de desenvolvimento sintático que se encontra na escrita acompanha, de modo geral, a sequência de desenvolvimento que se encontra na oralidade. Nas primeiras produções escritas, as crianças fazem um uso mais precoce de processos de coordenação do que de processos de subordinação, identificando-se uma escala de emergência de conectores próxima da que se encontra nas produções orais, como mostra, para o português, o trabalho de Costa et al. (2017). A partir da análise das estratégias de coesão interfrásica em textos de crianças de 2.º e 4.º anos de escolaridade, as autoras concluem que os conectores argumentativos mais usados em textos de opinião são os mesmos que as crianças usam precocemente, na oralidade. Também o trabalho de Lobo et al. (2022), que analisou os processos de articulação de orações em textos narrativos de crianças de 1.º ciclo produzidos em dois momentos distintos (2.º e 3.º anos de escolaridade), mostra que a coordenação é o processo predominante presente nos textos produzidos, sendo *e* e *mas* os conectores que mais vezes ocorrem nos textos de 2.º ano. Contudo, no 3.º ano, os conectores típicos de estruturas subordinadas tornam-se mais frequentes e também mais diversificados, aumentando de forma expressiva entre os dois momentos o uso de estruturas sintáticas complexas, como as orações relativas. Por sua vez, Costa e Gonçalves (2010), num estudo que contemplou textos narrativos e não narrativos de crianças entre o 3.º e o 6.º ano, observaram uma progressão de competências de escrita em ambos os tipos de texto, com um aumento da complexidade de estruturas sintáticas produzidas, em particular de orações subordinadas. Pereira e Azevedo (2005) referem que entre os oito e os dez anos, a proporção das orações subordinadas na oralidade e na escrita inverte-se: aos oito anos, as crianças usam mais a subordinação na oralidade e aos dez este processo é mais usado na escrita.

Relativamente aos clíticos, e embora a investigação sobre o uso destas estruturas na produção escrita seja bastante escassa, há alguma evidência (cf. Costa & Gonçalves, 2010) de que os clíticos são de desenvolvimento tardio nas produções escritas de crianças entre o 3.º e o 6.º anos, observando-se um aumento da produção nos anos mais avançados. Torna-se, pois, necessário perceber melhor em que momento emergem os clíticos na escrita das crianças e se estas estruturas podem ser tomadas como um indicador de desenvolvimento da escrita, caso o seu uso evidencie, à semelhança do que se tem observado com as estruturas de subordinação, uma marca da transição para uma dimensão compositiva da escrita.

2. Estudo: desenvolvimento de clíticos em produções escrita

Tendo em conta a investigação anterior sobre o desenvolvimento de clíticos na produção oral e sobre o desenvolvimento sintático nas produções escritas, pretende-se no presente estudo responder às seguintes questões:

- i) Há desenvolvimento da produção de clíticos em fases iniciais da escrita? Este parâmetro pode ser tomado como indicador de desenvolvimento da escrita?
- ii) Há conformidade à gramática-alvo, no que diz respeito à produção e à colocação, relativamente a este fenómeno sintático nas produções escritas das crianças?
- iii) As estratégias alternativas à produção de clíticos e os desvios encontrados são semelhantes aos que encontramos na produção oral?

2.1. Metodologia

Usou-se um corpus constituído por 272 textos escritos produzidos como resposta a um item de escrita compositiva dos instrumentos de diagnóstico 1 e 2 do PIPALE – Projeto de Intervenção Preventiva para a Aprendizagem da Leitura e da Escrita. A tarefa foi realizada em contexto de sala de aula em dois momentos distintos: no início do 2.º ano de escolaridade e no início do 3.º ano de escolaridade. Os textos foram produzidos

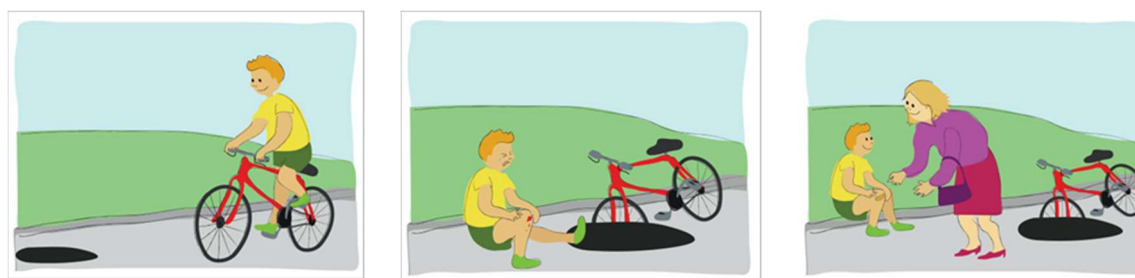


a partir de uma sequência de três imagens que pressupunham uma situação problemática e a respetiva resolução (Ver Figuras 1 e 2). Foi fornecido material para a escrita dos textos, com um total de dez linhas e uma linha adicional para o título. A instrução dada às crianças, no material fornecido e seguida da sequência de imagens, foi a seguinte: “Observa as imagens. Escreve uma história a partir da sequência de imagens. Dá um título à tua história.” Não foram dadas indicações sobre o limite de tempo para a escrita dos textos.

Figura 1. Sequência de imagens do Instrumento 1



Figura 2. Sequência de imagens do Instrumento 2



Para o presente estudo, foram consideradas as produções de 136 crianças, falantes de PE como língua materna, sem medidas seletivas ou adicionais de suporte à aprendizagem, e que participaram nos dois momentos de recolha. Foram excluídos os textos ilegíveis ou em branco. Depois de feita a transcrição do corpus, foi efetuado o levantamento de todas as ocorrências de pronomes clíticos em cada um dos momentos, tendo estas ocorrências sido posteriormente analisadas quanto a diferentes parâmetros: tipo de clítico, conformidade ao alvo, contexto sintático, posição.

2.2. Resultados

Descrevem-se, na Secção 2.2.1, os resultados da análise relativa à produção de clíticos e, na Secção 2.2.2., os resultados relativos à colocação de clíticos.

2.2.1. Produção de clíticos

A análise quantitativa dos clíticos produzidos em cada um dos momentos, reportada na Tabela 1, permite verificar que há um aumento muito considerável quer do número de clíticos globalmente produzidos (59 no primeiro momento vs. 190 no segundo momento), quer do número de crianças que produzem pelo menos um clítico (36 no primeiro momento vs. 100 no segundo momento). A média de clíticos produzidos em cada



momento confirma esse aumento, encontrando-se em média 0,44, no primeiro momento, e 1,40 no segundo momento.

Tabela 1. Dados globais de produção de clíticos nos dois momentos, considerando-se todas as ocorrências de clíticos

	N.º de crianças que produziram clíticos	N.º global de clíticos produzidos	N.º mínimo de clíticos produzidos	N.º máximo de clíticos produzidos	Média de clíticos produzidos	Desvio padrão
Instrumento 1	36/136 26,6%	59	0	4	0,44	0,87
Instrumento 2	100/136 74%	190	0	6	1,40	1,25

Para se comparar o número médio de clíticos produzidos nos dois momentos de testagem, procedeu-se à realização de um teste estatístico paramétrico, o teste t com amostras emparelhadas, já que se observou uma distribuição normal. Os valores obtidos ($t = 8,67$, $df = 135$, $p\text{-value} < 0.0001$) confirmam as diferenças estaticamente significativas entre as médias de clíticos produzidos em cada um dos momentos.

Quando consideramos a produção ou ausência de produção de clíticos em cada um dos instrumentos, verificamos (Tabela 2) que a maioria das crianças da amostra só produziu clíticos no instrumento 2.

Tabela 2. Comparação entre produção de clíticos nos instrumentos 1 e 2

Crianças que nunca produziram clíticos	Crianças que produziram clíticos apenas no Instrumento 1	Crianças que produziram clíticos em ambos os instrumentos	Crianças que produziram clíticos apenas no Instrumento 2
31/136 22,8%	5/136 3,7%	31/136 22,8%	69/136 50,7%

Estes resultados mostram que, ainda que haja variação entre as crianças na produção de clíticos, é claramente observável um aumento nas taxas de produção no segundo instrumento, que é revelador de um desenvolvimento da complexidade sintática da escrita.

Os clíticos distribuem-se pelas categorias de clíticos reflexos, acusativos e dativos, como se observa nos exemplos seguintes do Instrumento 1 (7) e do Instrumento 2 (8):²

- (7a) e ela não **se** escesseu do aniverssariu do seu irmão Pedro (A0549)
- (7b) O Gabriel largo o balão mas antes de ele ir para o ceu a mãe agarrou-**o**. (A0565)
- (7c) e de pois a Mãe do João deo-**lhe** um balão (A0385)

² Mantemos, nos exemplos, a escrita das crianças não corrigindo os erros de ortografia e de pontuação. Apenas destacamos o clítico ou o pronome a negrito. Entre parênteses indicamos o código do participante.



- (8a) depois o João aleijose no joelho (A0391)
 (8b) A Maria viu o Afonso maguado e foi a correr para o ajudar (A0395)
 (8c) e a senhora meteu-lhe um penso e ele parou de churar (A0460)

A distribuição dos clíticos por cada tipo encontra-se na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição por tipo de clítico

	Instrumento 1	Instrumento 2
Reflexo	13	94
Acusativo	36	57
Dativo	10	33

Como se pode observar, há um predomínio de clíticos acusativos não reflexos no Instrumento 1, passando os clíticos reflexos a ser majoritários no Instrumento 2. Esta distribuição é, em parte, condicionada pelas imagens que servem de estímulo à produção do texto escrito, com usos frequentes de *magoar-se* ou *aleijar-se*, não sendo claro que resultem de desenvolvimento dos diferentes contextos. Observamos ainda que os clíticos encontrados são maioritariamente produzidos de acordo com a forma alvo. Registam-se alguns usos de pronome forte em vez de clítico (9) – 7 ocorrências de pronome forte em posição de complemento direto na totalidade do corpus – e alguns casos de ‘lheísmo’ (cf. (10)) – 6 casos de ‘lheísmo’ na totalidade do corpus –, maioritariamente no Instrumento 2, 2 casos de alteração morfofonológica, como a produção de *lo* em vez de *o* (11), e ainda casos de omissão do argumento (12):³

- (9a) Ele caiu e vaio uma descoisida ajudou **ele**. (A0536)
 (9b) Uma senhora muito simpatica viu **ele** e pôs-lhe um penso. (A0459)
 (10a) Uma senhora que passeava no campo foi **lhe** ajudar o gustavo. (A0396)
 (10b) A mãe dele chegou e acalmou-**lhe** e pos-lhe um penço. (A0427)
 (10c) ...a tia foi lá e ajudou-**lhe** a corar-se e ficou melhor e a tia disse-lhe:... (A0462)
 (11a) a cinhora diçe olá e ajudolo posle um penço na perna (A0446)
 (11b) Mas um dia ele caio e a sua avó foilo ajudar (A0575)
 (12) Era uma vez um menino que chamavase João a sua mãe deu [] um balão (A0459)

Quando não há produção de clíticos, encontram-se predominantemente duas estratégias: i) a omissão de clíticos (13); ii) a produção de DP (14):

- (13) ...era uma vez um menino chamado João, estava a aprender a andar de bicicleta, ele estava a comeguir e um buraco pequeno estava à frente e o João caiu no chão e a ferida estava a deitar sangue e o vizinho veio e rápida-mente o vizinho pos [] um penso fim. (A0554)
 (14) O João amdava na biciquenta e a senhora alice estava setada no baco e o João estava am dar de biciquenta e depois caiu e a senhora alice ajudou o **João** e depois de ajudar o **João** de-se obrigado o **João**. (A0533)

Esta segunda opção é largamente predominante no Instrumento 1 (62 textos), reduzindo-se de forma acentuada no Instrumento 2 (10 textos). Isto sugere dificuldades no uso de mecanismos de coesão referencial e

³ Há, naturalmente, ainda dificuldades no domínio das regras ortográficas relativas à hifenização de clíticos, encontrando-se clíticos amalgamados com a forma verbal, clíticos em ênclise sem hífen, entre outros problemas:

- i) Como ia ali ao pé uma senhora ela foi **ajudálo a levantarse** e a tratar da frida (A0383)
 ii) mas o pedro a paiou o balão e **deu o** ao avô. (A0536)



no estabelecimento de cadeias referenciais interfrásicas associadas à fase emergente de produção escrita, em que as crianças constroem textos recorrendo ainda a processos de justaposição de frases simples, não ligadas entre si, como se pode observar no exemplo em (15):

- (15) A mãe do João copor um balão azul um dia o João largou o balão e o balão voa no dia seguinte a mãe copor outro balão azul e o João nunca largou o balão. (A0381)

No segundo momento, há claramente um desenvolvimento dos processos de construção textual, que se manifesta também no maior recurso aos clíticos como estratégia de manutenção da coesão referencial. Este fenómeno não se verifica nos mesmos moldes na produção oral, em que a estratégia de evitação predominante na aquisição do português é a omissão.

2.2.2. Colocação de clíticos

Quando consideramos o parâmetro colocação de clítico, verificamos que, em domínios verbais simples com formas verbais finitas, há maioritariamente colocação-alvo do clítico, quer em contextos de ênclise, quer em contextos de próclise, com casos residuais de redobro (16a), de ênclise em contexto de próclise (16b), mas também de próclise em contexto de ênclise (16c). Não se registaram no corpus contextos de mesóclise.

- (16a) (...) e caiu na coisa estranha e **se** aleijouse (...) (A0523)
 (16b) Era uma vez um menino que chamavase João a sua mãe deu um balão (A0459)
 (16c) A Mãe do Afonso foi á loja e **lhe** compou um balão. (A0391)

As taxas de colocação-alvo em cada contexto são apresentadas na Tabela 4:

Tabela 4. Colocação-alvo de clítico em domínios verbais simples com formas verbais finitas

	Instrumento 1		Instrumento 2		Total	
Contextos de ênclise	44/48 ^a	91,7%	93/107 ^b	86,9%	137/155	88,4%
Contextos de próclise	6/7 ^c	85,7%	28/31 ^d	90,3%	34/38	89,5%

^a Nas ocorrências não alvo, 3 foram casos de próclise e 1 foi um caso de redobro.

^b Nas ocorrências não alvo, 13 foram casos de próclise e 1 foi um caso de redobro.

^c A única ocorrência não alvo foi um caso de ênclise.

^d Nas ocorrências não alvo, 2 foram casos de ênclise e 1 foi um caso de redobro.

Em orações infinitivas com verbo simples, registaram-se 11 ocorrências, todas elas no Instrumento 2. Quando se trata de uma oração adverbial infinitiva, introduzida por preposição (4 ocorrências), o clítico ocorre sempre em próclise:

- (17a) A Maria viu o Afonso maguado e foi a correr para **o** ajudar (A0395)
 (17b) Passeou passeou passeou, até **se** fatar (A0503)

As restantes 7 ocorrências são com a construção *ajudar x a + infinitivo*. Nesta construção, um clítico selecionado pelo verbo infinitivo ocorre em ênclise ao verbo infinitivo (3/7) ou em próclise ao verbo infinitivo seguindo a preposição *a* (4/7):

- (18a) viu o Miguel no chão e foi ajudar o Miguel a **levantarse** do chão (A0407)
 (18b) mas um simpática senhora foila e ajudou ele a **se** levantar (A0522)

Considerando agora os clíticos produzidos em complexos verbais, verificamos que estes contextos não são em número muito expressivo, encontrando-se no conjunto dos dois instrumentos 43 ocorrências de clíticos



em complexos verbais (3 no Instrumento 1 e 40 no Instrumento 2). Encontram-se diferentes tipos de contextos com diferentes verbos (semi)auxiliares e alguns verbos de controlo: *ter* + particípio passado (6 ocorrências); *ir* + infinitivo (22 ocorrências); *vir* + infinitivo (6 ocorrências); *poder* + infinitivo (1 ocorrência); *começar a* + infinitivo (1 ocorrência); *ter de/que* + infinitivo (2 ocorrências); *tentar* + infinitivo (3 ocorrências); *conseguir* + infinitivo (1 ocorrência); *lembrar-se de* + infinitivo (1 ocorrência).

Os contextos são diversificados, apresentando variação no tipo de verbo, no tipo de clítico e na presença/ausência de proclisador. Apesar desta diversidade, que dificulta a identificação de padrões, podemos observar que existe variação entre subida e não subida de clítico. Nas ocorrências com o verbo semiauxiliar *ir*, um pouco mais numerosas, encontram-se 12 casos de ênclise ao verbo infinitivo (19), 9 casos de ocorrência entre verbo auxiliar e verbo infinitivo, geralmente identificáveis como ênclise ao primeiro verbo (20) e uma única ocorrência de subida de clítico em próclise ao verbo auxiliar (21):

- (19) estava a Carolina opé e vio o Rui aleijado e foi ajodalo (A0397)
- (20) Mas um dia ele caio e a sua avó foilo ajudar (A0575)
- (21) estava a daita muito sangue e a mãe o foi ajodar a se corar (A0485)

Podemos também observar que, sempre que a oração contém um proclisador (que pode ser um complementador ou uma preposição), existe subida de clítico com próclise ao primeiro verbo:

- (22a) E estava a chorar tão alto **que** toda a gente **o** conseguiu ouvir (A0559)
- (22b) A avó podes ligar á mãe **para me** vir boscar. (A0513)

Nos complexos verbais com particípio passado, que na variedade europeia do português não permitem cliticização ao particípio passado, encontramos apenas um caso desviante (23a), estando os restantes casos de acordo com o padrão-alvo (23b-c):

- (23a) A edosa ajudou-lhe a João disse obrigado minha selhora porter ajudado-**me**. (A0449)
- (23b) Ele tinha-**se** aleijado no joelho e começou a chorar. (A0501)
- (23c) o menino disse que estava tudo bem que o senhor **lhe** tinha dado um penso (A0566)

3. Discussão

Retomando as questões de investigação deste trabalho, discutimos nesta secção os resultados obtidos. A nossa primeira questão procura determinar se há desenvolvimento da produção de clíticos e se este parâmetro pode ser tomado como indicador de desenvolvimento da escrita em fases iniciais da escrita compositiva. Como vimos, o nosso estudo permitiu identificar um desenvolvimento da produção de clíticos em textos narrativos entre o início do 2.º ano de escolaridade e o início do 3.º ano de escolaridade, com um aumento significativo quer do número global de clíticos produzidos, quer do número de crianças que produzem clíticos. Estes resultados mostram que este pode ser um indicador relevante de desenvolvimento das competências da escrita compositiva, correspondendo a uma escrita mais amadurecida, com maiores níveis de complexidade sintática, na linha do que sugerem Costa e Gonçalves (2010), e à semelhança do que tem vindo a ser encontrado relativamente a outras estruturas, como conetores típicos de estruturas subordinadas (Costa et al., 2017; Lobo et al., 2022). Contudo, reconhece-se que o aumento da produção de clíticos do primeiro para o segundo momento avaliado poderá não ser imputável apenas ao efeito do desenvolvimento, mas também à natureza das



representações visuais usadas na tarefa para a elicitación da produção das narrativas, aspeto que poderá ser tido em conta em trabalho futuro.

A segunda questão pretende verificar se há conformidade à gramática-alvo relativamente a este fenómeno sintático nas produções escritas das crianças. Globalmente, verificamos que as produções de clíticos pelas crianças são maioritariamente conformes à gramática-alvo. Encontram-se, contudo, algumas estratégias não canónicas, incluindo a produção de pronomes fortes em posição de complemento direto, casos de ‘lheísmo’ e alguns casos de alteração na forma morfofonológica do clítico (produção de *lo* em vez de *o*, por exemplo). No que diz respeito à colocação, os padrões seguem maioritariamente os padrões esperados na variedade europeia do português. Contudo, também relativamente a este parâmetro podemos encontrar algumas produções desviantes, incluindo casos de cliticização a formas não esperadas (por exemplo, participio passado), casos esporádicos de redobro, ênclise em contexto de próclise e próclise em contexto de ênclise.

Procurámos também determinar até que ponto as estratégias alternativas à produção de clíticos e os desvios encontrados são semelhantes aos que encontramos na produção oral. Nos dados de que dispomos sobre o desenvolvimento de clíticos na oralidade para o português europeu, a estratégia alternativa à produção de clíticos predominante é a omissão, explicável como um caso de sobregeneralização da construção de objeto nulo (Costa & Lobo, 2007, 2009). Nos nossos dados de produções escritas, em contrapartida, não encontramos um uso predominante dessa estratégia. Em vez disso, encontramos um uso predominante de retomas por DP no primeiro momento, com um desenvolvimento claro, no segundo momento, dos processos de construção textual, que se manifesta também no maior recurso aos clíticos como estratégia de manutenção da coesão referencial. Isto vai ao encontro de investigação anterior, que tem mostrado desenvolvimento nestes mecanismos de coesão referencial (Batoréo & Costa, 1997) e um domínio gradual da escala de acessibilidade (Ariel, 1996; Flores et al., 2020).

No que diz respeito à colocação, a investigação sobre o desenvolvimento da linguagem oral mostrou que há colocação alvo dos clíticos em contexto de ênclise e que há um desenvolvimento gradual dos contextos de próclise, com tendência para a generalização da ênclise (Costa et al., 2015). Nas produções escritas que analisámos, não se encontra um padrão de generalização de ênclise em contexto de próclise como foi encontrado na produção oral em estudos anteriores. Encontramos maioritariamente colocação alvo dos clíticos, com desvios ocasionais quer em contextos de próclise, quer em contextos de ênclise. Ainda que, por se tratar de dados em que os diferentes contextos não são controlados de forma criteriosa, não possamos ter dados mais robustos e conclusivos sobre os padrões de colocação, estes dados apontam para uma diferença entre as duas modalidades. Será necessário, de futuro, explorar mais detalhadamente estas diferenças, que podem eventualmente ser atribuídas a diferentes fatores, entre os quais podem estar a tomada de consciência de que existem diferentes posições possíveis para os clíticos em português através do confronto com a exposição a textos escritos.

Nos contextos com complexos verbais, Vitorino (2017) e Lobo e Vitorino (2021) mostram que, na produção oral, as crianças adquirem cedo o fenómeno de subida de clítico e que mostram alguma preferência pela subida em detrimento da não subida, havendo, contudo, desenvolvimento dos contextos em que a subida é permitida. No nosso corpus, ainda que as ocorrências de clíticos em complexos verbais não sejam numerosas, verificamos oscilação entre subida e não subida de clítico, tal como esperado na gramática-alvo, sem que haja um padrão claro de preferência pela subida. Em trabalho futuro, importará investigar de forma mais aprofundada eventuais diferenças entre modalidade oral e escrita relativamente aos padrões de colocação de clíticos.

4. Conclusões

Tendo em conta a investigação anterior sobre o desenvolvimento de clíticos na produção oral e sobre o desenvolvimento sintático nas produções escritas, o presente estudo pretendeu investigar o desenvolvimento de pronomes clíticos nas fases iniciais da escrita de crianças do primeiro ciclo, a partir de um corpus de 272 textos narrativos produzidos por 136 crianças no início do 2.º ano de escolaridade e no início do 3.º ano de escolaridade.



Os dados obtidos evidenciam que há desenvolvimento na produção de clíticos por crianças falantes de PE em textos narrativos escritos nos anos iniciais de escolaridade. Globalmente, concluímos que a presença de clíticos nas produções das crianças pode ser tomada como um indicador de desenvolvimento nas competências de escrita compositiva, à semelhança do que tem vindo a ser encontrado relativamente a outras estruturas, como conectores típicos de estruturas subordinadas. Apesar de os dados sugerirem que a produção de clíticos na escrita está sujeita a desenvolvimento, importa perceber melhor até que ponto esse desenvolvimento reflete etapas do desenvolvimento oral (por exemplo quanto à estratégia de evitação de clítico e ao tipo de desvios na colocação do clítico), uma vez que se encontram diferenças nas estratégias predominantes.

Apesar destas limitações, cremos que o estudo poderá fornecer um contributo importante para a caracterização do desenvolvimento sintático na escrita, com implicações também ao nível das práticas de ensino e aprendizagem da escrita, nomeadamente ao nível do uso de mecanismos de coesão que possam ser usados pelas crianças, com uma progressiva consciencialização, na produção dos textos.

Referências

- Ariel, Mira (1996) Referring expressions and the +/- coreference distinction. In Jeanette Gundel & Thorstein Fretheim (eds.), *Referent and referent accessibility*. John Benjamins, pp. 13–35.
- Barbeiro, Luís & Luísa Álvares Pereira (2007). *O ensino da escrita: A dimensão textual*. Ministério da Educação & PNEP.
- Batoréo, Hanna & Maria Armanda Costa (1997) Referência nominal na narrativa oral e escrita aos dez anos de idade. In *Atas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 137–149.
- Costa, Ana Luísa (2010) *Estruturas contrastivas: Desenvolvimento do conhecimento explícito e da competência de escrita*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Costa, Ana Luísa, Sónia Cerqueira & Vanessa Carreto (2017) ‘E essa é a minha opinião’: Para o estudo da emergência da escrita argumentativa. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (3), pp. 51–73. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a24>
- Costa, Armanda & Anabela Gonçalves (2010) Progressão e complexidade na escrita do 3.º ao 6.º ano de escolaridade. In Armanda Costa, Sofia Vasconcelos & Vitória de Sousa (eds.), *Muitas ideias, um mar de palavras. Propostas para o ensino da escrita*. Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 283–318.
- Costa, João & Maria Lobo (2006) A aquisição de clíticos em PE: Omissão de clíticos ou objecto nulo? In *Textos selecionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 285–293.
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In Sergio Baauw, Frank Drijkoningen e Manuela Pinto (eds.) *Romance languages and linguistic theory 2005*. John Benjamins, pp. 59–71.
- Costa, João & Maria Lobo (2008) Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão. In *Textos selecionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 143–156.
- Costa, João & Maria Lobo (2009) Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In Acrísio Pires & Jason Rothman (eds.), *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: Case studies across Portuguese*. Mouton de Gruyter, pp. 63–84.
- Costa, João, Alexandra Fiéis & Maria Lobo (2015) Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 161, pp. 10–26. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2014.05.009>
- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Isabel Hub Faria (1995) Specificity of European Portuguese clitics in Romance. In Isabel Hub Faria & Maria João Freitas (eds.), *Studies on the acquisition of Portuguese*. APL & Colibri, pp. 129–154.
- Flores, Cristina, Esther Rinke & Aldona Sopata (2020) Acquiring the distribution of null and overt direct objects in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 19 (1). <https://doi.org/10.5334/jpl.239>



- Gonçalves, Anabela (2002) Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do português europeu. In Isabel Duarte, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos & Thomas Hüsgen (eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos de Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2). Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 45–57.
- Guasti, Maria-Teresa (1993) Verb syntax in Italian child grammar: Finite and non-finite verbs. *Language Acquisition*, 3, pp. 1–40. https://doi.org/10.1207/s15327817la0301_1
- Lobo, Maria & Inês Vitorino (2021) Acquisition of clitic climbing by European Portuguese children. In Larisa Avram, Anca Sevcenco & Veronica Tomescu (eds.), *L1 acquisition and L2 learning: The view from Romance*. John Benjamins, pp. 13–38.
- Lobo, Maria, Joana Batalha, Antónia Estrela & Bruna Bragança (2022). Desenvolvimento sintático em produções escritas de crianças de 1.º ciclo. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (9), pp. 150–163. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln9ano2022a11>
- Martins, Ana Maria (2013) Posição dos pronomes pessoais clíticos. In Eduardo Raposo, Maria F. B. Nascimento, Maria A. C. Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 2). Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2231–2304.
- Martins, Margarida & Ivone Niza (1998) *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Universidade Aberta.
- Pereira, Luísa Álvares & Flora Azevedo (2005) *Como abordar... a escrita no 1.º ciclo do ensino básico*. Areal Editores.
- Pinto, Giuliana, Christian Tarchi & Lucia Bigozzi (2015) The relationship between oral and written narratives: A three-year longitudinal study of narrative cohesion, coherence, and structure. *British Journal of Educational Psychology* 85 (4), pp. 551–569. <https://doi.org/10.1111/bjep.12091>
- Silva, Carolina (2008) *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Varlokosta, Spyridoula et al. (2016) A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. *Language Acquisition* 23 (1), pp. 1–26.
- Vitorino, Inês (2017) *Aquisição de estruturas com subida de clítico em português europeu*. Dissertação de Mestrado, FCSH-UNL.
- Vitorino, Inês & Maria Lobo (2018) Aquisição de estruturas com subida de clítico em português europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (4), pp. 276–294. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a45>
- Vraka, Vasiliki (2022) *Desenvolvimento do uso de pronomes clíticos na escrita de crianças do 2º ano de escolaridade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

